

poesia postal

//

08



poesia postal

//

08

Poemas de Carla Rua, Catarina Sottomayor, Cobramor, Elisa Scarpa, Francisco Coelho Neves, Lígia Silva, Luís Bento, Mar Frazão, Margarida Azevedo, Margarida Oliveira, Margot e Maria Joana Almeida inspirados num desenho de Alexandre Grave Outubro de 2025

da mão ao peito

da mão ao peito
num segundo apenas
refaz-se o desfeito
da mão ao peito
enlaça-se o espírito
num abraço estreito
da mão ao peito
floresce a pétala suave
do amor mais perfeito
da mão ao peito
rasga-se a paisagem agreste
do sonho desfeito
da mão ao peito
avistam-se mil estrelas
de um qualquer parapeito
da mão ao peito
nasce tão fácil a paz
feito!

CARLA RUA

órgão

a mão pousa no órgão
como quem segura sigilo.
a força cala um coração exposto
na lâmina do profuso silêncio.

não é brandura, é
peso do destino imposto
numa pedra que respira
presa ao toque do que a domina.

o sangue não corre, esguicha
em língua que pele não traduz.
entre carne e ferro o humano se desfaz, e

nesse instante, envergonham- se
membro e coração.
um corpo tenta deter-se no outro
mas ambos adivinham fim.

CATARINA SOTTOMAYOR

Ausência de prova & prova de ausência

Que Deus possa ser um relojoeiro
não muda a gritante evidência:
o tempo é o chiqueiro
onde nos conspurcamos

COBRAMOR

três preces

se vieres no coração das
flores, coloca-o na água
do-nosso-rio

se vieres de branco ao
casamento, vem na asa
do-nosso-corvo

se vieres sonhar à minha
mão, ocupa o lugar vago
do-nosso-futuro

FRANCISCO COELHO NEVES

CORAÇÃO NA CAIXA

Quando o coração sai da caixa
das costelas
Para ir para uma caixa de metal
está quente AINDA
sob a mão de quem o pousa.
A matéria fria lisa e fria da caixa
O desvale, mas o seu todo humano
AINDA o chama e ousa.
Será entregue ao gelo da conservação
Para animar outra paixão
Que não seja a do desamado coração?
Ou foi arrancado à caixa das costelas
Com fórceps de força e desamparo,
Para da caixa de metal
Transitar para QUEM
O comprou à gente
Que troca corações
Por Mercedes?!

ELISA SCARPA

“pousar a mão no coração”

pousar a mão no coração
para aumentar a pulsação
na bandeja o peso da entrega
na carne o silêncio que dilacera

o bater é frágil quase mortal
o amor é um pacto quase letal
segura-lo é beber do perigo
ao toque o destino é cumprido

LÍGIA SILVA

“O mundo despe-se”

O mundo despe-se,
abre o peito,
guarda-me o coração nos teus dedos,
na noite interrompida que demora a evaporar-se.

LUÍS BENTO

“tenho o coração nas mãos”

tenho o coração nas mãos
e o meu olhar no teu
tinha um beijo para
te dar
e um colo para te
amar

mas o mundo
escureceu

MAR FRAZÃO

Incisão

Sei que voltarei a cair
que o chão está frio
e o corpo cansado.

Abri o peito a ferros
para te afagar o coração
surgiste como uma doença autoimune
destruíste o meu sistema imunitário
foste promessa frente ao espelho
que me refletia inteira
de lábios carnudos e batom borrado

O encanto durou três cafés
duas mensagens por ler
e uma eternidade de silêncios agressivos
Foste desilusão
com perfume caro
ato de estupidez
causa de suicídio
e desculpa para homicídio
supostamente involuntário

No bolso do fato deixei-te um aviso
que acabou na etiqueta
pendurada no teu dedo do pé
atenção: pode não resistir ao uso diário

MARGARIDA AZEVEDO

Alvorada anoitecida

O tempo foi deitando
a sombra da tua mão
enrugando de vazio
o coração que cantava
finaram-se as noites estremecidas
em que a lua passeava
de mãos dadas
com madrugadas despenteadas

o sol acordou ao anoitecer
jaziam as palavras gastas
no coração cinzento de frio.

MARGARIDA OLIVEIRA

“Fui-me”

Fui-me
em mim tua mão robusta pousas
mas eu já não estou aí
escapuli-me por entre esses dedos gretados
que a dura vida esculpiu
fugi desse teto que me vergava
abandonando todo o resto de mim
as peles envelhecidas e ressequidas
cansadas do ar sombrio e triste
o corpo despedaçado e ensanguentado
que morria mais um pouco em cada entardecer
um resquício do que eu outrora fora
arrastava-se penosamente pelo imundo chão
podridão e putrefação
paredes que já demasiado encobriram
já não havia ar nem respiração
mas soprou uma brisa de salvação
e foi melhor assim

MARGOT

Não há refúgio nem atalho

volto e fujo de ti
como se não houvesse espaço entre esse tempo
e é este o movimento que reinicia a ferida
esta fresta que na coordenada certa
deixa escancarada a fragilidade
um tempo atirado contra um espaço frio
e uma mão esmagadora e retê-lo
(não há refúgio nem atalho)
apenas a medusa em frente ao espelho
a negar a pedra que lhe corre nas artérias

MARIA JOANA ALMEIDA

poesia postal

//

08

Outubro.2025

www.elefante-editores.net